

Recensões

Rodolfo GAEDE NETO. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina.*

(São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus/CEBI, 2001. 194 p.)

O autor é natural de Ituêta, MG. Após atuação como pastor em duas paróquias do Espírito Santo, foi por vários anos diretor da Associação Diacônica Luterana, com sede em Teófilo Otoni, MG. Atualmente é doutorando do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da EST.

O propósito precípua da obra é, como já o demonstra o próprio título, a contribuição para uma *fundamentação teológica* da diaconia na América Latina. O autor desincumbe-se dessa tarefa subdividindo a obra em dois capítulos principais:

1) O primeiro intitula-se *Diaconia: uma disciplina emergente em busca de sua identidade entre teoria e prática*.

Rodolfo apresenta inicialmente uma avaliação da literatura emergente sobre diaconia na América Latina, expondo e avaliando várias contribuições ao assunto dos últimos decênios. A seguir procura conceituar a diaconia como disciplina teológica. Sua definição, que procura agregar e considerar aspectos diversificados, encontra-se na p. 33:

Diaconia é ação salvífica de Deus que motiva, a partir da fé, uma ação da Igreja em favor de pessoas que se encontram em situação de sofrimento, pobreza e injustiça, ação esta que se dá através da intervenção consciente, da ação social e política, da ajuda, da atuação pelo amor, da aceitação mútua, inteira, libertadora e curativa, visando transformar uma situação de sofrimento ou injustiça, visando que os pobres resolvam seus problemas e visando um estado de justiça.

Como disciplina teológica a diaconia é enquadrada na área da Teologia Prática, participando da tarefa hermenêutica comum a esta última, que – nas palavras de L. C. Hoch – compreende tanto fornecer à Igreja uma ajuda para interpretar e atualizar a Palavra de Deus, quanto, simultaneamente, examinar “de maneira crítica a prática eclesial na sua forma atual, visando reprojeta-la de modo a que corresponda à tradição cristã e ao momento histórico presen-

te” (p. 36). Assim sendo, a tarefa hermenêutica da Teologia Prática não pode prescindir da dialética entre teoria e prática, tão marcante para a teologia latino-americana.

2) O segundo capítulo examina e avalia os *elementos diaconais nos ensinamentos e nas ações de Jesus*.

O autor está ciente de que não pode abordar todo o leque de palavras e ações diaconais de Jesus. Por essa razão, seleciona para o ensinamento os textos referenciais de Mc 10.35-45 (maior é o que serve); Mt 25.31-46 (o julgamento final das nações); Lc 10.25-37 (o bom samaritano) e Jo 13.1-35 (lava-pés e o novo mandamento), e para as ações de Jesus, aquelas relacionadas com a comensalidade (Mc 2.15-17), as crianças, os doentes e as mulheres, sobretudo, por tratar-se de ações largamente presentes em todas as etapas do ministério de Jesus. Este trabalho de avaliação bíblica merece destaque, pois

a) as análises são, exegeticamente, criteriosas e aprofundadas;

b) há um ótimo trabalho de resgate histórico da situação de exclusão e marginalização dos grupos em discussão;

c) foram elaboradas boas sínteses conclusivas, tanto para os aspectos do ensino (p. 109-114), quanto para o das ações diaconais (p. 174s).

Cabe ainda destacar algumas

conclusões, das quais selecionamos duas:

1ª: O estudo como um todo confirma, segundo Rodolfo, o caráter essencialmente prático, comunitário e profético da Diaconia:

Isto significa que, de acordo com os resultados da presente pesquisa, a diaconia é uma proposta contrária à espiritualização das necessidades das pessoas, contrária ao assistencialismo que cria a dependência e mantém o status quo; contrária à individualização dos problemas e das soluções, à institucionalização ou delegação da com-paixão a especialistas alheios à vida comunitária (p. 186).

2ª: Diaconia não tem como critério simplesmente as necessidades gerais das pessoas, atendidas normalmente pela família, comunidade ou sociedade. Trata-se, muito mais, de serviço prestado a pessoas cujo sofrimento advém, especificamente, do exercício de poderes opressivos e marginalizantes sobre estas. Diaconia é, dessa forma, serviço prestado por pessoas que integram seu discipulado na perspectiva da cruz, ou seja, em oposição a quaisquer forças que desintegram ou impedem a geração e a preservação de vida (p. 186).

Para o final desta apreciação,

chamo a atenção para uma tarefa a ser perseguida: o autor examinou sentidos de diaconia restritos ao ministério de Jesus. Há, contudo, uma larga discussão sobre os vários usos específicos deste termo (grego: diakonein) no grego clássico e profano que, eventualmente, poderia ainda melhor aclarar, ou mesmo, redefinir o específico em Jesus e em outros autores bíblicos. Coube, sobretudo, a John Collins, em sua obra *Diakonia – Reinterpreting the Ancient Sources* (New York/Oxford, 1990), ter reaberto a discussão sobre o assunto. Um exame crítico desta obra seria tarefa desejável.

Outra questão que mereceria avaliação mais criteriosa é se convém, como quer o autor, limitar a diaconia a serviços prestados em situação de opressão e marginalização, de cruz. Segundo Galilea nos chama a atenção para o seguinte:

A irmandade vai além da simples justiça (...) Pode-se viver em justiça, mas distantes e receosos. Uma comunidade pode realizar

a justiça – não havendo reclamos contra ninguém – sem necessariamente praticar o amor e a misericórdia. Há justiças muito frias (O caminho da espiritualidade, p. 191).

Um último destaque: a obra de Rodolfo abre uma nova série ecumênica sobre Diaconia, intitulada *Série Diaconia na América Latina*. Há um Conselho Editorial Ecumênico, composto de representantes das Igrejas luteranas (IECLB e IELB), católica, anglicana, presbiteriana, do CESE (Salvador), da DIACONIA (Recife), do Departamento de Diaconia da IECLB e do IEPG da EST. Nossos votos vão no sentido de que, não unicamente este seu primeiro volume, mas toda esta série, possa dar uma expressiva contribuição para que a proposta genuinamente evangélica do serviço diaconal nos enriqueça sempre mais no amor e nos faça entender sempre melhor os reclamos que este nos coloca em nossa situação latino-americana.

Uwe Wegner

Gisela BEULKE. *Diaconia em situação de fronteira: um exemplo chamado Balsas.*

(São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2001. 148 p.)

Este livro é o segundo volume da série “Diaconia na América Latina”. Esses dois aspectos – o título do livro e o título da série – evidenciam uma relação entre si: Diaconia, como reflexão teórica sobre a ação comunitária a partir da fé, ainda é algo que acontece na fronteira e não no centro do labor teológico; ainda está a conquistar o seu espaço. Conseqüentemente, também ainda é algo que se dá na fronteira desses recantos latino-americanos. Como em geral, no contexto mundial global, a América Latina ainda permanece em âmbitos fronteirços. E, mesmo assim, como consta em um dos subitens do livro, a fronteira é “lugar de encontro e desencontro”. Justamente por isso esse livro poderá ser um impulso para que Diaconia e América Latina se encontrem cada vez mais.

O presente livro é fruto da pesquisa durante o curso de mestrado no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia. A autora é diaconisa da Casa Matriz de Diaconisas, em São Leopoldo, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Isso lhe confere uma relação muito próxima com a temática, pois o assunto cen-

tral da pesquisa foi justamente o trabalho de outras integrantes de sua irmandade que, a partir de sua atuação em Balsas/MA, deram origem a uma comunidade da IECLB naquela localidade.

O livro está subdividido em três partes. Em todas elas perpassam como fio vermelho esses dois enfoques: diaconia e edificação de comunidade. Portanto, a preocupação última da autora é verificar de que forma se pode edificar comunidade através da diaconia.

Na primeira parte, são apresentados os pressupostos teóricos (compreensão de igreja/comunidade, importância da diaconia como a “essência do ser Igreja cristã”) e considerações históricas (migração de membros da IECLB para novas fronteiras e o acompanhamento da Igreja aos mesmos). Na segunda parte, a autora analisa a trajetória da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Balsas, especialmente a presença da diaconia nessa caminhada. Justamente por as primeiras obreiras que atuaram e residiram lá naquela comunidade terem sido obreiras diaconais, a dimensão diaconal passou a marcar o trabalho comuni-

tário. Isso se evidenciou, por exemplo, no projeto “Fundo de Quintal” e na associação e roças comunitárias. A terceira parte é dedicada à apreciação de posicionamentos e documentos oficiais da IECLB, tanto no que se refere à relação entre diaconia e edificação de comunidade, quanto à presença da IECLB na Comunidade de Balsas. No final consta uma ampla bibliografia, tanto de obras em geral, quanto de fontes inéditas, tais como atas, relatórios e cartas. Além disso, há uma série de anexos com entrevistas e depoimentos.

Assim, o livro de Gisela Beulke

apresenta subsídios interessantes para quem quer conhecer como uma comunidade da IECLB, com suas origens e marcas tipicamente sulistas, se organiza e se desenvolve (*é edificada*) na fronteira geográfica do norte do Brasil, respectivamente na fronteira onde se encontram culturas distintas. Além disso, o texto oferece elementos para a compreensão da diaconia em si, respectivamente como essa “essência da Igreja cristã” cada vez mais está sendo valorizada dentro da IECLB, tanto na prática comunitária, quanto na reflexão teórica.

Martin Volkmann

**Rudolf BULTMANN. *Crer e Compreender: ensaios selecionados.*
Seleção e introdução de Walter Altmann. Ed. rev. e ampliada.
(São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2001. 420 p.)**

Para crises de fé, Rudolf Bultmann é excelente terapeuta. Isto soa estranho, pois a imagem deste proeminente teólogo protestante / luterano costuma ser outra. Prende-se ao alto grau de crítica histórica a que submete a tradição bíblica e ao controvertido programa da demitologização que preconiza. Bultmann estaria minando a verdade cristã e desmantelando o fundamento da fé. Deve-se a esta suspeita o atraso na tradução de obras suas para o português.

Isto é profundamente lamentável. Pois a ocupação séria com este autor vai descobrir ser a afirmação, não a negação da fé seu apaixonado objetivo. Com Bultmann, a fé atinge um estágio pós-crítico, imune aos ataques do criticismo. Não fica na dependência da pesquisa científica. Junta ao “crer” o “compreender”. Constrói a fé consciente.

Eis porque a reedição de uma coletânea de ensaios de Rudolf Bultmann exatamente sob o tema “Crer

e Compreender” é altamente oportuna. É claro que os tempos avançaram. A situação da América Latina, no início do terceiro milênio, é outra do que a da Alemanha há mais de meio século atrás. Também a teologia não ficou parada. Os próprios discípulos de Bultmann não conseguiram acompanhar o descaso que seu mestre fazia do Jesus histórico, reconstruído por pesquisa científica. Ademais, o referencial existencialista da teologia bultmaniana foi substituído por outros. Seu conceito de mito merece reavaliação, e até mesmo o criticismo histórico ficou relativizado. Ainda assim, Bultmann continua relevante pelo afã de construir a fé em rocha firme, não em areia movediça. Ele permanece sendo terapeuta para quem se vê acometido/a da doença do relativismo, da dúvida, do sumiço de valores normativos. As ameaças à fé continuam vivas, também em épocas de pluralismo religioso. Bultmann ajuda a enfrentá-las.

A Editora Sinodal, juntamente com o Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da EST, está de parabéns pelo lançamento deste belo volume que agrada tanto pela apresentação externa quanto pela escolha dos artigos. A comparação com a primeira edição, lançada em 1986, mostra algumas significativas diferenças. O texto com o tema “Novo Testamento

e mitologia” foi excluído e editado juntamente com outros sobre a matéria em volume à parte, intitulado “Demitologização – coletânea de ensaios”, e publicado pela mesma editora em 1999. Em compensação, foram incorporados artigos até então não traduzidos, somando um total de vinte e três. Merece destaque a competente introdução de Walter Altmann. Informa não só sobre a gênese da série “Crer e Compreender”, como também situa Bultmann na história da teologia, oferecendo, entre outros, dados relevantes da biografia desse grande pensador.

Encontram-se entre os artigos verdadeiras pérolas, de valor atemporal. As reflexões sobre o desafio da fé em Deus hoje, sobre a cristologia, sobre a relação entre cristianismo e humanismo, a hermenêutica, a teologia natural e muitos outros continuam fascinantes a despeito da diferença dos tempos. Chamam a atenção a abrangência dos assuntos, a erudição do autor, bem como a profunda espiritualidade que Bultmann soube agregar à teologia. Basta ler a reflexão sobre o Natal. Fica recomendada, com insistência, a leitura desta obra que oferece ao leitor e à leitora não só valiosa informação como também “edificação” em assuntos de fé hoje.

Gottfried Brakemeier

Lucy DIAS; Roberto GAMBINI. *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira.*

(São Paulo: SENAC, 1999. 228 p.)

Em palestra proferida a universitários evangélicos de confissão luterana em Porto Alegre, no ano de 1961, o Pastor Ulrich Hees, alemão que atuou na IECLB, afirmou profeticamente: “Somente quando a cultura brasileira for examinada responsabilmente a partir do evangelho, a Igreja evangélica estará em casa na realidade espiritual e cultural brasileira – mesmo com distância crítica”. No mesmo sentido, o teólogo Georg Vicedom, após visita ao Brasil em 1967, escreveu em artigo publicado mais tarde: “A Igreja Luterana no Brasil terá influência somente quando tiver teólogos autóctones pelos quais poderá falar às pessoas e ao público... Quem na América Latina vier ao encontro das questões religiosas das pessoas, também terá um dia as pessoas”.¹

As questões levantadas pelos dois teólogos alemães continuam sendo um desafio para nós que pregamos o evangelho em terra brasileira. O evangelho não será uma boa notícia para nossa gente se não conse-

guir dialogar com suas angústias, suas esperanças e sua alma. Teólogas e teólogos comprometidos com o evangelho não podem se furtar a ouvir o que esta alma tem a nos dizer, quais os dramas que carrega e como encontrar caminhos de esperança num país em que a vida humana vale muito pouco e é bagatelizada a cada dia.

No final de 2001 tive a grata alegria de receber um presente de um amigo missionário entre povos indígenas que me cativou desde o primeiro dia. Pude assim ler com muito proveito a longa entrevista feita pela jornalista paulista Lucy Dias com o psicólogo Roberto Gambini, também paulista. Gambini é mestre pela Universidade de Chicago, tendo mais tarde estudado no Instituto C. G. Jung de Zurique, na Suíça.

O livro é o resultado de uma conversa rigorosa entre dois intelectuais que arriscaram colocar sobre o chão do consultório um paciente chamado Brasil ou a alma desse paciente. Trata-se do velho tema quem somos nós e a que viemos. No último capítulo,

¹ Citações feitas por Rolf SCHUENEMANN, *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sociopolítica na IECLB entre 1960 e 1975*, São Leopoldo: Sinodal/EST-IEPG, 1992, p. 60 (Série Teses e dissertações, 2).

Lucy Dias usa a imagem do Brasil como gigante adormecido, poderoso, pródigo, mas infelizmente desfibrado, derrotado, entregue a um destino totalmente equivocado. Um país à beira do caos.

Gambini foi fundo em sua análise. Para ele, não basta somente acordar. “O nó da dificuldade está na falta de uma consciência clara sobre o próprio valor”. Se “somos todos índios”, como canta Fagner em uma de suas canções, isto nos deveria fazer olhar para nós mesmos como iguais àqueles que nos precederam aqui. Como a eles foi negado serem eles mesmos, possivelmente o mesmo esteja acontecendo conosco. “Esta questão do saber negado faz parte do despertar do gigante. Ele tem que se dar conta de que há potencialidade, um conjunto de conhecimentos e maturação humana já conquistados há séculos. Despertar é isso. Os índios não podem, sozinhos, conceber a contribuição que podem dar para uma questão planetária (...) Cabe a nós, ‘índios’, reconectados com eles e nos sentindo parte do planeta, fazer a ponte entre a milenar sabedoria indígena e a tecnologia de ponta mundial. E todos os contingentes populacionais que vieram para o Brasil, não

sendo indígenas de origem, podem virar indígenas por carma, por condicionamento histórico e social. A nossa função é transpor linguagens e transcodificar signos e entender que esse é o despertar do gigante. Nós temos na mão aquilo de que precisamos, O que está adormecido em nós é a resposta para as grandes perguntas de nossa história e de nosso tempo” (p. 196).

Mas o que me parece ainda mais interessante em Gambini, que já escreveu outro livro muito interessante sobre os inícios de nossa história², é a sua tese de que, para darmos conta do presente e futuro deste país gigante e adormecido, é necessário assumirmos o nosso passado obscuro. Enquanto não resolvermos esta questão tanto de formação da “alma nacional” quanto de constituição ética, não seremos uma verdadeira nação. Seremos, antes, um país “de cócoras sobre um tesouro”, como afirmou Monteiro Lobato. Faz parte desse penoso exercício a um só tempo coletivo e pessoal reconhecer as distintas violências que marcaram nossa história e desfiguraram nosso povo. É preciso assumir tanto a nossa parte luminosa quanto a nossa sombra. A sombra se refere aos traços nega-

2 Cf. *O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

tivos, rejeitados, que contradizem a nossa auto-idealização. Diz respeito à “destrutividade, patologia de todos os tipos, desumanidade, cobiça, dominação, hipocrisia, inveja, ódio, maquiavelismos de toda espécie, etc. A sombra, portanto, é o lado não-reconhecido, porém não menos real do que aquele que se manifesta. Quanto menos assumida ela for pela atitude consciente, mais ela será projetada sobre ‘os outros’, os diferentes, os desconhecidos, os inimigos, o vizinho” (p. 35).

Essa sombra precisa ser confessada. Gambini não tem meias palavras ao falar do débito que temos para com os povos indígenas e os afrodescendentes. A dor da escravidão, da desumanidade que violentou por séculos aquelas populações deixou marcas tão fundas na psique brasileira, que nós ainda vamos conviver com ela por muito tempo. “Eu diria que essa dor ainda não foi completamente expressa (...) voltando para o paralelo terapêutico, quando uma pessoa sofre dores no seu processo constitutivo, ela tem que ter consciência daquelas dores e tem que achar as palavras para falar daquilo que lhe aconteceu. Só quando consegue voltar, expressar e entender o que aquela dor lhe causou, é que finalmente pode passar para outra fase. Acho que isso não ocorreu no Brasil. O contingente negro, como o indígena, ainda não

pôde se expressar, sua expressão é incompleta. E, do lado do escravizador, que no fundo é a sociedade branca, portanto nós todos (...), também há um elemento não expresso, que é o reconhecimento da ação praticada. No Brasil, há um débito psíquico que, se não for formulado e trabalhado, não permitirá que surja um novo processo de conscientização de identidade. A sociedade branca deve, tanto para a sociedade indígena quanto para a negra, um reconhecimento honesto da culpa e do débito” (p. 65s).

A nossa identidade como povo e nação, a construção de um novo país, esperançoso e liberto, passa por esse reconhecimento, por esse *mea culpa*. Não como masoquismo ou algo parecido, mas como necessidade imperiosa de poder ser plenamente humano, com as luzes e sombras que compõem o nosso ser.

Creio que esse processo de desculpabilização e de retomada de uma identidade sadia tem muito a ver com nossa pregação evangélica. Se o evangelho é mesmo uma boa notícia de libertação, certamente ele pode ser um elemento crucial nessa busca de nós mesmos na terra brasileira, ajudando a nos olharmos no espelho, a confessar a culpa e a retomar a caminhada a partir do perdão e da liberdade que ele proporciona.

Gambini usa uma figura muito cara na sua interpretação do Brasil.

Ele afirma que a compaixão é um arquétipo que faz uma falta enorme em nosso país e principalmente na vida cotidiana, nas relações entre as pessoas. “Já se disse que o que está faltando no grande drama brasileiro é a figura da mãe compadecida. É preciso que, de repente, ela acorde, desperte, se levante e comece a falar. Que diga que já não tolera o sofrimento dos seus filhos. E estou falando dessa mãe compadecida como uma figura arquetípica coletiva que vai se manifestar em seres humanos, homens e mulheres, que se levantam e começam a falar. Quando esse sentimento aparece, ele critica a falsa moral, ele critica o silêncio, ele critica a máscara, ele critica o egoísmo, ele desnuda” (p. 114).

Só assim poderemos chegar a uma autêntica solidariedade que transforme a base da sociedade nacional para além dos programas de TV tipo *Criança Esperança* e das campanhas sempre bem intencionadas de ajuda aos mais pobres. Essa experiência libertadora pode ser experimentada também como um processo de cura, individual e coletivo. Trata-se de uma busca, uma postura de busca, de esperança ativa, se assim se pode dizer.

Faz parte desse processo o desnudamento da classe dominante, da elite que manda e desmanda no país. Certamente, algo muito diferente do

que faz a novela *No quinto dos infernos*, que desqualifica o colonizador português, mas não ajuda a refazer esse passado de forma nova e transformadora. É preciso que o nosso povo deixe de confiar nos senhores, se liberte de seu próprio medo para forjar novas lideranças que saem do seu próprio meio e inspirem um novo projeto histórico de povo e de nacionalidade, não xenófoba, mas consciente de sua própria potencialidade e criatividade.

A mãe foi psicologicamente rejeitada (ela era a mãe indígena que serviu apenas como útero, recipiente) e o pai histórico é patológico (desumanizou a mãe ao fazer dela mero objeto de cama e mesa, e abandonou o filho, que se tornou um mestiço enfeitado, crioulo). Por isso, afirma Gambini, “não adianta continuar esperando o arquétipo paterno se manifestar no Brasil porque, aqui, ele é manco mesmo. Eu diria que está na hora de os filhos começarem a pensar que esse é o pai que eles têm e que, portanto, é preciso tomar nas mãos a tarefa de ‘inventar o Brasil’ mesmo sem ele” (p. 207). Ou, mais adiante, “é preciso refundar a consciência brasileira” (p. 210).

A meu ver, a tarefa da teologia no Brasil faz parte dessa refundação. Isto se, de fato, estamos dispostos a encarar o desafio de trabalhar com a realidade do drama brasileiro, a plu-

ralidade do fenômeno religioso e os gritos do povo em nosso duro e difícil cotidiano. Concluo esta resenha com uma recomendação sábia de Gambini, que vale de modo especial para pastoras e pastores, diáconas e educadores cristãos: “Temos que aprender a ver além do que somos capazes de perceber com nosso olhar tra-

dicional. Isso é uma proposta: escutar e ver além do óbvio manifesto” (p. 217). Fica uma pergunta deveras instigante: “Será que podemos dizer que a profunda solidão em que cada brasileiro vive é uma vingança da alma desprezada?”

Vale a pena ler e refletir sobre este oportuno livro.

Roberto E. Zwetsch